

Elevando a voz: A negritude de crianças negras como resistência política

Muito se tem dito acerca do contexto social pandêmico e seus impactos à educação. Nota-se que com o afastamento social e a suspensão do cotidiano nas escolas das infâncias – medidas necessárias para conter o avanço da pandemia – questões foram surgindo, sobretudo, na Educação Infantil. Nesse momento, os espaços-tempos da escola das infâncias, repleto de interações e brincadeiras, que possibilitam o contato das crianças com as particularidades de cada indivíduo, favorecendo o respeito às diversidades foi interrompido, as relações foram limitadas e esse distanciamento vêm dificultando a maneira como os pequenos se relacionam com o outro, com as diferenças, com o seu modo de ser e o das pessoas ao seu redor.

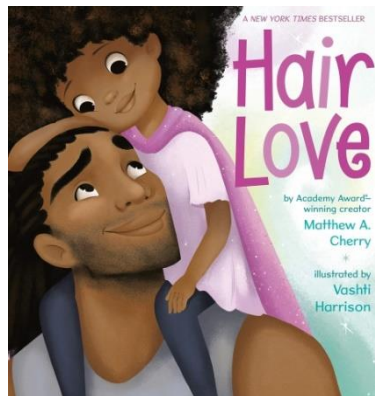
As questões raciais têm persistido e resistido ao longo da história e vêm se manifestando cada vez mais cedo nos espaços de Educação Infantil. É no contexto escolar que o processo de socialização é ampliado, pois o convívio deixa de ser entre familiares e estende-se a colegas e profissionais da escola. Assim, para melhor compreendermos a relevância das relações vividas no processo de construção da identidade da criança negra, é preciso considerar as diversas situações discriminatórias relacionadas às questões raciais que ocorrem corriqueiramente nesses espaços, desenvolvendo um sentimento de

inferioridade em crianças, tais como: apelidos pejorativos, xingamentos relacionados a traços físicos (cabelo, nariz) etc.

É importante ressaltar que mesmo após décadas do fim da escravização no Brasil, a população negra ainda enfrenta a discriminação em espaços de escolarização, resquícios de um país colonial e escravagista. Mesmo perante as políticas educacionais como a Lei 10.639/03, que define a inclusão de conteúdos de História da África e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares, ainda podemos observar que a maioria das escolas da Educação Básica oferece uma educação que distancia a criança negra de uma identidade racial valorizada positivamente. Com isso, desde a Educação Infantil é importante e necessário abordarmos aspectos que tratam das relações raciais.

Em busca da mudança deste cenário educacional, a partir da nossa prática diária podemos oferecer caminhos para uma experiência positiva da negritude. Entre estes, as produções audiovisuais, tal como a literatura infantil, são aliadas de professores/as engajados em uma educação antirracista. Aqui, trazemos como possibilidade o livro infantil *Hair Love*, assim como o curta metragem, com duração de 7 minutos, que nos amplia oportunidades de conversar com crianças sobre questões raciais, autoestima e padrões de beleza. A obra enaltece o amor-próprio pelo cabelo crespo, além de oferecer representatividade para meninas negras que possam se reconhecer na personagem principal.

Imagem: Ilustração da capa do livro



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Diante disso, destacamos que a transformação do sistema de ensino historicamente racista ainda é uma demanda presente na pauta dos movimentos sociais negros, que acreditam no acesso à escolarização como um forte dispositivo para romper com o racismo estrutural no Brasil. Assim, em meio ao caos vivenciado em nosso país, tais movimentos seguem propondo políticas públicas e espaços de acolhimento para pensarmos uma educação na perspectiva antirracista.

Contudo, nós, professoras negras, que lutamos em favor da causa antirracista, compreendemos que o racismo não terá fim enquanto não houver uma mudança no universo da criação de imagens. Sobre esse assunto, ativistas e feministas negras, entre elas bell hooks (2019), têm nos apontado que a luta antirracista avança melhor a partir do reconhecimento e aceitação positiva das diferenças. Para a autora, este seria um ponto de partida crucial para erradicarmos a supremacia branca e alcançarmos uma sociedade mais justa e plural.

Referências:

HOOKS, B. Olhares negros: raça e representação. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

Sobre as autoras:

Adrielle Lisboa: Mestranda em Educação no PPGedu/UERJ/FFP. Pedagoga formada pela FFP/UERJ. Coordenadora pedagógica voluntária do Pré-Vestibular Popular Pedro Pomar. E-mail: driellelisboa@gmail.com

Ana Carolina Paulo da Cruz: graduanda do curso de Pedagogia UERJ/FFP. Contato: anasbcruz@gmail.com